

**SOCIOLINGUÍSTICA E MEDIAÇÃO DIDÁTICA PARA O USO  
EXPLÍCITO E AUSENTE DA FLEXÃO DE 1ª PESSOA DO PLURAL NO  
ENSINO BÁSICO**  
**SOCIOLINGUISTICS AND DIDACTIC MEDIATION FOR THE  
EXPLICIT AND ABSENT USE OF 1<sup>ST</sup> PERSON  
PLURALEXENSIONAL ELEMENT IN ELEMENTARY SCHOOL**

SANTOS, Angela Marina Bravin dos<sup>1</sup>  
CARDOSO, Cristiane Alves de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar uma mediação didática para o tratamento da ausência e do uso explícito da flexão de 1ª pessoa do plural no ensino básico, fundamentada no Modelo dos Contínuos (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005), com ênfase no contínuo oralidade-letramento. O ponto de partida dessa mediação consiste numa pesquisa de base Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]) sobre a variação entre apagamento e presença do elemento flexional de 1ª pessoa em textos escritos por estudantes do 6º ano de uma escola do município de Caxias, Rio de Janeiro. O propósito da mediação consiste em promover um ensino que possibilite ao aluno usar ou não tal elemento linguístico, a depender do contexto de uso do português.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Pesquisa Sociolinguística. Marca de pluralidade da 1ª pessoa do plural. Ensino de português.

**Abstract:** This paper aims to present a didactic mediation for the treatment of the absence and the explicit use of the 1<sup>st</sup> person plural ending on elementary education, based on the Model Continuum (BORTONI - RICARDO, 2004, 2005), with an emphasis on continuous speaking - literacy. The starting point of this mediation is based on a variationist sociolinguistics research (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968]) on the variation between erasure and presence of the flexional element 1st person in texts written by students of the 6th year of a school in the city of Caxias, Rio de Janeiro. The purpose of the mediation is to promote an education that enables students to use or not use such language element, depending on the context of the use of Portuguese.

**Keywords:** Linguistic variation. Sociolinguistics research. Mark of plurality of the 1st person plural. Portuguese teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma mediação didática, destinada a alunos do ensino básico, para uso do apagamento ou da presença da flexão de 1ª pessoa do plural. Essas duas possibilidades de realização de tal elemento linguístico ainda suscitam reflexões sobre ações no âmbito escolar no que se refere à variação linguística. A ausência da marca de pluralidade de

---

<sup>1</sup>Professora Doutora em Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Comunicação da UFRRJ e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. [bravin.rj@uol.com.br](mailto:bravin.rj@uol.com.br).

<sup>2</sup> Mestre em Língua Portuguesa pelo PROFLETRAS-UFRRJ e professora do Município de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. [cristianealcardoso@gmail.com](mailto:cristianealcardoso@gmail.com).

1ª pessoa em estruturas do tipo em (1) e sua realização, em (2), consistem em duas formas linguísticas consideradas estigmatizadas:

- (1) Nós era\_\_ agricultor.<sup>3</sup>
- (2) A gente nunca fomos assaltada, não.<sup>4</sup>

Embora a ação da escola brasileira atue no sentido de levar o aluno a optar pela marca de pluralidade, em casos como em (1), e pela ausência do elemento flexional, em situações como em (2), exemplos como os citados se realizam fora e dentro das instituições escolares numa clara demonstração de diversidade linguística, mas que causam episódios de preconceito linguístico criados até mesmo por professores, tanto de Português quanto de outras disciplinas, como o que ocorreu em um conselho de classe quando se avaliava o desempenho dos alunos de turmas do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola de primeiro segmento do ensino básico, no Município de Caxias, no estado do Rio de Janeiro.

Um dos estudantes que participava dessa realidade social, própria das escolas do ensino básico, usou a flexão de 1ª pessoa do plural combinada com **a gente**, resultando em comentários críticos, conforme se verificam em (3), (4) e (5), com carga semântica negativa, cuja consequência é a manutenção de uma estrutura social marcada pela autoridade e hierarquia, que acabam por silenciar a voz do aluno.

- (3) Você estava indo tão bem...
- (4) A gente somos?!!
- (5) Assim enfraquece...

Ainda que ocorra a presença da flexão de 1ª pessoa no verbo, a combinação desse elemento com a forma **a gente** é considerada fenômeno de não-concordância, que, segundo VIEIRA, “no português do Brasil, constitui, sem dúvida, um traço de diferenciação social, de cunho estigmatizante, que se revela com mais nitidez no âmbito escolar.” (2013, p. 85). Este estudo propõe uma atuação do letramento escolar que possibilite ao aluno tomar contato com as formas linguísticas consideradas de mais aceitação social, no que se refere ao uso explícito e ao apagamento do elemento flexional de 1ª pessoa do plural, sem, contudo, desprezar o comportamento linguístico espontâneo dele, resultado de influências recebidas durante anos dos meios nos quais ele sempre viveu e onde se sente incluído.

---

<sup>3</sup> Exemplo do *corpus* Varsul.

<sup>4</sup> Exemplo do Projeto Censo.

Para desenvolvermos a proposta, procedemos, inicialmente, a uma pesquisa com base no modelo da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), com alunos do 6º ano da mesma escola em que ocorreu o episódio mencionado acima. Trata-se da etapa em que se mapeou o uso do apagamento ou da presença da flexão de 1ª pessoa do plural na escrita de tais alunos. Os resultados obtidos serviram de ponto de partida para a mediação, que se fundamenta no Modelo dos Contínuos (BORTONI-RICARDO, 2004), com ênfase no contínuo oralidade-letramento. A seção a seguir mostra um panorama do uso explícito e da ausência da flexão de 1ª pessoa do plural no português brasileiro (PB) na modalidade falada.

## **2 Apagamento e presença da flexão de 1ª pessoa do plural no pB**

Estudos sociolinguísticos têm demonstrado a influência de fatores linguísticos extralinguísticos na presença ou apagamento da flexão de primeira pessoa do plural na fala dos brasileiros. Em relação aos linguísticos, a saliência fônica da forma verbal foi um dos fatores apontados por Naro, Görski e Fernandes (1999), para a fala do Rio de Janeiro, como relevantes para a aplicação da marca de concordância no verbo. No processo de variação, a diferenciação sonora entre as formas em competição tem papel fundamental na seleção da forma preferida. Esses autores comprovaram que maiores níveis de saliência fônica entre as formas verbais (singular e plural) levam a maiores frequências de uso da forma plural.

Na comparação entre o uso das formas **falava/falávamos**, verificou-se que a desinência –mos praticamente não foi adotada (3,8%) nem com o sujeito *nós*, nem com o sujeito **a gente**, mostrando-se esse contexto bastante favorável à desinência zero em razão da menor saliência fônica entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª primeira pessoa do plural. Já nos níveis mais altos de distinção sonora, como nas formas **falou/falamos** e **é/somos**, o morfema-**mos** teve maior incidência. Outro fator estatisticamente significativo nesse estudo foi o tempo verbal, visto que os falantes mais jovens flexionaram com maior frequência as formas verbais de pretérito relacionadas aos sujeitos pronominais **nós** e **a gente**, em comparação com as formas no presente.

Para a fala do Rio Grande do Sul, Zilles, Maya e Silva (2000) apresentam os resultados de uma investigação sobre a variação da concordância verbal na 1ª pessoa do plural em duas cidades do Rio Grande Sul: Panambi, uma comunidade bilíngue (alemão-português), e Porto Alegre, capital desse Estado. Com base em 32 entrevistas do Banco de Dados VARSUL, os pesquisadores procuraram verificar, principalmente, em que medida o fator escolaridade está

associado ao emprego das formas testadas (**-mos, -mo, -0**). Apesar de não terem sido encontradas nesse *corpus* ocorrências de **a gente** com verbo flexionado na 1ª pessoa do plural, os autores destacam que a gramaticalização dessa expressão, semelhante à substituição do **tu** por **você**, tem provocado alterações no paradigma verbal, podendo ser encontradas construções do tipo **a gente falamos** através de observações assistemáticas da fala nas camadas populares.

Em relação aos aspectos extralinguísticos, a escolaridade mostrou-se relevante para o uso ou apagamento do elemento flexional. Zilles, Maya e Silva. (2000) constataram que os falantes com nível primário produziram mais a ausência desse elemento (16%) do que os de nível médio (5%), apresentando mesmo comportamento com a variante **-mo** (56% x 21%). Esses resultados confirmam a hipótese levantada sobre a influência da escolaridade na realização da concordância padrão, ainda que formas não padrão também tenham sido produzidas entre os mais escolarizados. Tal variável recebe distinção em relação às demais, porque, segundo os autores da pesquisa, esse foi o único grupo de fatores que mostrou resultados com pesos polarizados, pois, enquanto 76% dos falantes de nível médio usam a desinência **-mos**, o mesmo ocorre em apenas 37% dos falantes de nível primário.

O panorama apresentado, além de evidenciar a competição entre o uso e a ausência da marca de pluralidade de 1ª pessoa do plural no PB, revela que uma mesma realização linguística pode receber valor social negativo ou positivo. O apagamento da flexão em orações com o pronome **nós** é rejeitado socialmente. Se, porém, o sujeito oracional for **a gente**, a ausência do elemento flexional de plural será aceita. Por outro lado, a presença dessa marca carrega, em tal contexto, valor negativo. Estamos, portanto, diante de um dilema para os alunos que precisam aprender a usar uma ou outra variante linguística, a depender do contexto em que se insere, o que implica não só uma mudança de comportamento mas também uma postura reflexiva sobre suas crenças, atitudes e reações emocionais.

### **3 Uso e apagamento da flexão de 1ª pessoa do plural em uma turma do 6º ano: o apoio da sociolinguística**

Como já mencionado, esta proposta didática teve como ponto de partida uma pesquisa sociolinguística, desenvolvida em 2014, sobre o uso explícito ou apagado da flexão de 1ª pessoa em uma turma, com 34 alunos, do 6º ano da escola citada anteriormente. Partimos da hipótese de que a preferência recairia sobre a ausência do elemento flexional, já que essa forma de representação era percebida frequentemente na fala espontânea dos alunos em sala de aula. Pressupomos, pois, uma influência da modalidade falada na escrita escolar. Apresenta-se, nesta seção, apenas um resumo dos procedimentos metodológicos usados nessa investigação,

bem como do total de dados e dos percentuais extraídos de rodadas processadas pelo Programa *Goldvarb*.

Para a constituição da amostra com 30 textos, foram solicitadas a produção de um relato e a redação de uma mensagem de *e-mail*, além da elaboração de um *post* argumentativo para o *blog* da turma. Obtivemos um total de 56 ocorrências de uso da 1ª pessoa do pl, das quais 6 se realizaram por meio de **a gente**, 17, por meio da forma nula e 33 apresentaram-se com a posição do sujeito preenchida por **nós**. Das 6 ocorrências com **a gente**, 3 combinaram-se com a flexão de plural explícita e 3, com o apagamento desse elemento. Para a submissão dos dados ao Programa *Goldvarb*, as realizações da 1ª pessoa do plural por **a gente** foram excluídas do arquivo de ocorrências, porque poderiam enviesar os resultados em relação ao apagamento da flexão, que é socialmente mais aceito, sendo, por isso, esperado nas redações. Entretanto, as poucas ocorrências obtidas (6) indicam uma tendência à rejeição a essa forma no tocante à escrita.

Levando-se, pois, em consideração os valores para o uso do pronome nulo e de **nós** como formas de realização da 1ª pessoa do plural, foi obtido um percentual bem significativo: 74% de presença da marca de pluralidade e 26% de apagamento desse elemento. A hipótese inicial, portanto, não se confirma, mas a taxa de ausência da flexão não deixa de ser relevante e indica que os alunos usam tanto o uso explícito da flexão de 1ª pessoa do plural quanto seu apagamento, tratando-se, assim, de variação linguística.

Procedemos à rodada do programa, tomando como valor de aplicação a ausência da marca de pluralidade em relação a 8 grupos de fatores, divididos entre estruturais e extralinguísticos. Os estruturais são 5: 1) realização do sujeito: nulo e preenchido; 2) posição da sílaba tônica do verbo: paroxítona e proparoxítona; 3) forma do verbo: simples e composta; 4) tempo e modo verbal: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do presente e futuro do pretérito do Indicativo; presente, pretérito e futuro do Subjuntivo; 5) paralelismo discursivo: presença e ausência. Os extralinguísticos dividem-se em 3: 1) local de moradia: favela<sup>5</sup> e não-favela, 2) grau de escolaridade do responsável pelo aluno: sem escolaridade, fundamental completo, fundamental incompleto, ensino médio, ensino superior; 3) gênero do informante: masculino e feminino.

Das variáveis sociais controladas, a que não se insere entre as clássicas estudadas pela Sociolinguística é **local de moradia**, cuja escolha se deve às intuições da professora da turma.

---

<sup>5</sup>Optamos pela palavra “favela”, porque os alunos moradores nesse tipo de comunidade preferem usar tal expressão em referência ao local de residência das suas famílias.

Chamou a atenção dela o uso mais frequente de apagamento da flexão de 1ª pessoa do plural pelos alunos de comunidades consideradas, por eles mesmos, favelas. Para comprovar ou não essa hipótese, foram considerados dois locais de residência: favela e não-favela. Em função das várias células vazias, não foi possível proceder à rodada da regra variável que forneceria os pesos relativos e os grupos relevantes para o apagamento da flexão de 1ª pessoa do plural. Os resultados obtidos são relativos aos percentuais.

Quanto à variável **realização do sujeito**, as taxas indicam que o preenchimento do sujeito favorece a ausência do elemento flexional, 38,5%, enquanto o sujeito nulo produz uma queda acentuada desse apagamento, 6%. Essa variação de natureza morfossintática acontece em virtude da possibilidade, no Português, de se marcar o sujeito apenas pela desinência verbal. Dessa forma, quando há omissão do sujeito, a flexão do verbo torna-se necessária. Por outro lado, quando o lugar do sujeito é preenchido, a flexão é redundante.

Os resultados para as formas verbais proparoxítonas assemelham-se aos de Zilles, Maia e Silva (2000), tanto na baixa produtividade (9% das ocorrências) quanto no alto percentual de ausência da marca de 1ª pessoa do plural, 40%. Quanto às formas paroxítonas, a taxa de apagamento é de 18%, ocorrendo, portanto, uma queda significativa em comparação à taxa obtida para as formas verbais proparoxítonas. No que se refere às formas compostas e simples do verbo, as compostas apresentaram um quantitativo maior de apagamento da flexão, 36%, contra 23%, verificado para as simples.

Em relação ao tempo e modo verbal, destacaram-se quatro tempos do indicativo: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do presente. O tempo presente foi o mais utilizado nos textos (50% das ocorrências), com 25% de apagamento da flexão. Esse mesmo percentual foi obtido para o pretérito perfeito. O futuro do presente e o pretérito imperfeito apresentaram os mais altos percentuais de apagamento: 66% e 38%, respectivamente. Quanto à última variável linguística investigada, paralelismo discursivo, constatou-se que se trata de um contexto favorável à ausência do elemento flexional, já que o percentual obtido, 38%, para as formas verbais inseridas em um paralelismo discursivo foi mais alto que o obtido para o uso de verbos fora desse tipo de estrutura: 25%.

O grupo extralingüístico **local de moradia** obteve percentuais que indicam a preferência, por parte dos alunos moradores de favelas, pelo apagamento da flexão, 35%. Em relação ao fator não-favela, constatou-se uso categórico do elemento flexional. Os resultados para a variável **escolaridade do responsável** sugerem uma relação entre ausência da flexão e o nível de escolaridade do responsável pelo aluno, já que se constatou um percentual de 47% de apagamento da marca de pluralidade para o fator **Ensino fundamental incompleto**,

enquanto para os demais níveis se constatou uso categórico dessa marca. No tocante ao grupo **gênero dos informantes**, as taxas obtidas indicam que os meninos produzem mais a ausência do elemento flexional de 1ª pessoa do plural, 37%. Quanto ao resultado obtido para o gênero feminino, a taxa de apagamento cai para 17%.

Esses resultados permitiram um conhecimento do uso ou apagamento da marca de pluralidade de 1ª pessoa do plural na escrita dos alunos envolvidos na pesquisa, levando-se em conta, cabe lembrar, apenas a combinação entre verbo e **nós** e entre verbo e forma nula do pronome. As construções coma **gente** foram desconsideradas para a rodada do programa, mas as 6 ocorrências encontradas nos textos também foram levadas em conta para a mediação. Verificamos que, embora a preferência pelo apagamento da flexão não tenha se confirmado, esse tipo de realização está presente nas redações escolares pesquisadas, ocorrendo, no tocante aos contextos estruturais, com mais frequência na combinação do verbo com **nós** e nas formas verbais do pretérito imperfeito. Para as variáveis extralinguísticas, os resultados sugerem a influência do local de moradia e do nível de escolaridade do responsável para a ausência da flexão de 1ª pessoa do plural.

#### **4 Mediação didática: pressupostos teóricos**

Vieira (2013) considera imprescindível que “as propostas de ensino decorram de uma forma realista de encarar a diversidade, traço inerente de qualquer língua, e se baseiem na observação sistemática do comportamento de dados concretos” (VIEIRA, 2013, p.97). Em outras palavras, a autora sugere a elaboração de práticas pedagógicas que estejam ancoradas na realidade descrita pelos estudos sociolinguísticos. O Modelo dos Contínuos proposto por Bortoni-Ricardo (2004, 2005) rompe com o tratamento dicotômico atribuído aos registros linguísticos: padrão/não padrão, culto/popular, escrito/falado, formal/informal e contempla os usos da língua em três contínuos: de urbanização, de monitoração estilística e o de oralidade-letramento. Cada contínuo é uma linha imaginária que abrange os possíveis usos dos fenômenos variáveis, de acordo com contextos específicos em que os falantes estão inseridos.

O contínuo de urbanização situa qualquer falante do português brasileiro de acordo com a região onde ele nasceu ou foi criado. Em uma das pontas dessa linha contínua, encontram-se os falares rurais mais isolados. Na outra, estão as variedades urbanas, resultado do processo de desenvolvimento das cidades, que acaba por criar ambientes de grande circulação de pessoas, como os presentes no comércio, na indústria na escola, e em outras

instituições que promovem a implementação de culturas de letramento, em que são usados, com frequência, estilos monitorados da língua. No meio desse contínuo, está situada a área urbana, formada por migrantes da zona rural que ainda preservam, com maior ou menor produtividade, marcas linguísticas de suas origens, dependendo do nível de influência exercido pela cultura urbana.

No contínuo de monitoração estilística, situam-se os fenômenos variáveis em função das exigências de cada situação comunicativa, revelando como, no uso da língua, está refletida a adequação do falante ao contexto imediato da interação verbal, chamado de moldura. Essa adequação relaciona-se à aplicação de estilos com menor ou maior nível de monitoração, dependendo dos fatores que estão envolvidos no processo discursivo, como a finalidade de adequar o ato verbal ao grau de formalidade exigido pelas circunstâncias, ou mesmo ao grau de familiaridade do falante com o conteúdo da mensagem a ser construída.

No terceiro contínuo, oralidade-letramento, que fundamenta esta mediação, o foco recai sobre as práticas sociais, orais e letradas. Nessa linha imaginária, os eventos de comunicação são dispostos conforme se aproximem mais das situações de oralidade ou das de letramento. As fronteiras, contudo, entre os dois pontos desse contínuo são fluidas, permitindo alternâncias entre elas. Eventos de letramento, como uma aula, podem ser permeados de “minieventos de oralidade” (cf. BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62). Um discurso político ou religioso caracteriza-se como um evento de letramento, porque, geralmente, o locutor apoia-se em um roteiro escrito. Já uma conversa entre amigos, um evento de oralidade, pode ter influência do letramento através de uma explicação teórica ou declamação de um poema. Esse contínuo é representado por uma linha imaginária (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62), conforme ilustrado a seguir, em que se dispõem de um lado as práticas de oralidade; de outro, as de letramento, sem configurar, entretanto, características opostas entre as pontas, já que os eventos linguísticos são concebidos numa extensão não interrompida.

-----  
eventos de oralidade

eventos de letramento

A metáfora do contínuo é usada por Marcuschi (2001), que dispõe a fala e a escrita em duas linhas: a) na linha dos gêneros textuais e b) na linha das características específicas de cada modalidade. Conforme esse autor, há gêneros prototípicos em cada modalidade, que são produzidos em condições específicas de cada situação discursiva. Podemos citar como exemplo de gênero prototípico da fala uma conversa espontânea; da escrita, uma conferência

acadêmica. Entre um e outro gênero prototípico, situam-se textos que se aproximam mais de eventos orais, quer pelo tipo de linguagem, quer pela natureza da relação entre os indivíduos, e outros que se aproximam das práticas de letramento. Há casos, porém, em que as proximidades entre fala e escrita são tão estreitas que parece haver uma mescla entre elas, como os noticiários de TV e de rádio, entre outros.

De acordo com Rojo (2009), na sociedade contemporânea, por conta do advento da tecnologia, os indivíduos passaram a tomar contato com várias esferas de práticas de letramento que até bem pouco tempo não existiam, como, por exemplo, *sites* de compra e venda. A autora usa o conceito de esfera de atividade ou de circulação de discursos, tomado de Bakhtin, para refletir sobre o impacto que a multiplicidade dessas práticas causa, sobretudo, no espaço escolar. A noção de esfera de atividade, deduzida da explicação de Rojo (2009, p.109), remete ao fato de que na vida cotidiana circulamos por espaços que se organizam, cada um, em torno de textos com características comuns e estáveis, mas que se interpenetram o tempo todo na vida do cidadão. Conclui-se, pois, que o indivíduo, no nosso caso, o aluno, usa os gêneros discursivos de acordo com as condições específicas de cada contexto de uso em uma esfera da comunicação.

As marcas linguísticas situam um gênero em uma das pontas do contínuo, caracterizando-o como gênero prototípico de eventos de oralidade ou de letramento. Quanto ao primeiro caso, podemos situar manifestações linguísticas espontâneas em que frequentemente ocorrem repetição, correção, parafraseamento, hesitação, interrupção, muitos marcadores conversacionais, entre outras características, que fazem parte de uma conversação (AQUINO, FÁVERO e ANDRADE, 1999; CASTILHO, 2004). De acordo com Marcuschi (2001), esse gênero seria o prototípico da oralidade. Em relação aos eventos de letramento, na ponta do contínuo, situam-se, como prototípicos, gêneros acadêmicos em que o grau de monitoramento é alto, atuando como inibidor das marcas linguísticas das manifestações mais espontâneas.

## **5 Mediação didática: procedimentos metodológicos**

A metodologia utilizada para os procedimentos didáticos parte da concepção de que as práticas sociais orais e letradas ocorrem num contínuo por onde transitam gêneros discursivos com características linguísticas específicas, mas que, em determinados pontos do contínuo, podem se entrelaçar. Para viabilizarmos esta mediação, tornando-a factível não só em relação à realidade sociocultural e linguística dos alunos, mas também em função do seu nível de escolaridade, optamos por adaptar a distribuição dos gêneros proposta por Marcuschi (2001),

REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 135 - 148. ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

selecionando como gêneros prototípicos da escrita outras organizações discursivas. Levou-se em conta, sobretudo, os gêneros indicados pelas diretrizes curriculares do Município de Caxias-RJ para o ensino de Português. Situamos, assim, no ponto mais extremo do contínuo, em direção ao letramento, a escrita de um pequeno relatório. Entre essa ponta e a ponta em que se encontra a conversação, distribuem-se postagens de *facebook* e de *whatsapp*, *e-mails*, entrevistas e bilhetes produzidos, ou lidos, pelos alunos. Dividimos a mediação em quatro etapas<sup>6</sup>:

1) 1ª etapa: Sensibilização para o tema a ser desenvolvido

O objetivo dessa etapa foi o de despertar nos alunos a percepção de que há, no português, duas formas de usar o verbo na 1ª pessoa do plural: com ou sem a marca de pluralidade, a depender da esfera de comunicação em que eles estão inseridos. As atividades iniciaram-se com um tipo de pesquisa de opinião sobre o uso da língua, realizada em forma de entrevista oral, em que um aluno entrevista o outro. Foram apresentadas aos estudantes algumas frases, conforme exemplificadas no quadro 1, que os levaram a pensar sobre o seu comportamento linguístico, bem como o das pessoas com as quais convivem. Trata-se de uma atividade inspirada no questionário aplicado por Cyranka (2007) em uma pesquisa sobre atitudes linguísticas de alunos da rede pública de Juiz de Fora.

- 1) Em qualquer situação da vida, você pode usar a língua sempre do mesmo jeito?
- 2) O seu jeito de falar e escrever é igual ao das pessoas que convivem com você no lugar onde mora?
- 3) Tem orgulho da sua língua?
- 3) A escola deve corrigir a nossa fala?
- 4) Você gosta de usar mais a frase *a gente joga bola* ou *a gente jogamos bola* ou *nós jogamos bola*?
- 5) Você gosta de falar *nós joga*?

Quadro 1: Perguntas da entrevista oral

Ao término da tarefa, as respostas foram socializadas e comparadas. O professor manteve-se neutro durante as argumentações dos alunos, para que eles pudessem confrontar

<sup>6</sup>As quatro etapas foram adaptadas da proposta de aprendizagem colaborativa (BEHRENS, 2013).

REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 135 - 148. ISSN 1984 - 6576.

Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

livremente suas opiniões. Quando todas as questões já estavam discutidas, procedeu-se a uma avaliação por meio de perguntas sobre o uso da flexão ou seu apagamento nas formas verbais de 1ª pessoa do plural. Essa tarefa consistiu numa estratégia inicial de sensibilização da turma para os usos linguísticos, que levou o aluno a expressar sua opinião de forma reflexiva, sem a intervenção crítica do professor. Em seguida, propôs-se uma produção individual de uma postagem de *facebook*, em que os alunos comentaram sobre a entrevista concedida em sala de aula e sobre o que discutiram acerca do uso de **a gente joga, a gente jogamos, nós vai, nós jogamos**. O professor selecionou algumas dessas postagens para serem lidas e comentadas em sala de aula.

## 2) 2ª etapa: Ensino com pesquisa

A segunda etapa propôs levar o aluno a reconhecer o uso explícito e o apagamento da marca de pluralidade de 1ª pessoa do plural nos contextos reais de interação verbal. Para tanto, como tarefa extraclasse, foi solicitada, em diálogos de amigos e parentes, em postagens de *whatsapp* e de *facebook*, uma busca por verbos na 1ª pessoa do plural combinados com **a gente** e com **nós**, além da forma verbal com sujeito nulo. Na aula destinada à apresentação dos resultados, os contextos encontrados foram distribuídos de acordo com o gênero em que ocorrem. Para finalizar a atividade, o professor sugeriu a criação de um diálogo entre amigos e a elaboração de uma postagem de *facebook*, em que os alunos usaram, pelo menos, três dos contextos pesquisados por eles.

## 3ª etapa: Aula exploratória e análise linguística

Nesta terceira etapa, o objetivo foi o de sistematizar o conhecimento gramatical em torno da temática pesquisada. Trata-se do momento em que se explicou a relação entre o sujeito e as formas verbais a partir dos verbos e dos gêneros apresentados na etapa anterior. Solicitou-se a montagem de três tipos de paradigmas verbais: um com **a gente**, outro com **nós** e um terceiro sem o uso de pronomes. O uso do livro didático de português, nessa etapa, consistiu num recurso didático importante, porque serviu de apoio para a montagem dos paradigmas verbais com todas as pessoas gramaticais acompanhadas pelos pronomes correspondentes. Nesses livros, geralmente, apresentam-se paradigmas verbais em que a 1ª pessoa é realizada por **nós**. A depender do grau de maturidade da turma, o professor pode levar os alunos a associarem cada paradigma aos gêneros já lidos e produzidos.

## 4ª etapa: Produções linguísticas compartilhadas

REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 135 - 148. ISSN 1984 – 6576.  
Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

Esta última etapa constituiu-se de duas produções textuais compartilhadas: uma que levou os alunos, em grupo, a usarem formas linguísticas mais próximas da oralidade; outra que os direcionou, também em grupo, a práticas de escrita monitorada. O objetivo foi o de gerar situações comunicativas de interação social a partir de sugestões, por parte do professor, de gêneros e marcas linguísticas. No primeiro caso, ele elaborou frases com formas verbais combinadas com **a gente** e com **nós** e solicitou aos alunos a construção de um diálogo, criando uma conversação em que tais frases se encaixaram coerentemente.

Para o segundo caso, o gênero discursivo consistiu em um relatório sobre as aulas referentes ao uso dos pronomes de 1ª pessoa e sua combinação com os verbos. O professor desafiou o aluno a usar contextos linguísticos com verbos na 1ª pessoa do plural sem o uso dos pronomes. Propuseram-se, assim, atividades que situaram o uso da língua nas duas pontas do contínuo oralidade-letramento, considerando, é claro, a adaptação, a que procedemos como critério metodológico, da distribuição dos gêneros no contínuo oralidade-escrita, pensada por Marcuschi (2001).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta mediação didática consiste numa dinâmica de ensino de língua materna associado à realidade sociocultural e linguística dos alunos, levando-se em conta o uso real da explicitação e apagamento da marca de pluralidade da 1ª pessoa do plural. Por se tratar de competição de variantes em contextos específicos, em que a ausência desse elemento recebe valor positivo ou negativo, a depender da forma pronominal com que se combina, consideramos fundamental um tratamento metodológico que insira o estudante em situações de uso da língua, evitando imprimir às atividades juízo de valor em relação ao seu comportamento linguístico. Nesse sentido, a fundamentação teórica mostrou-se pertinente, porque foi a partir dela que idealizamos a metodologia utilizada.

A mediação foi construída de forma que a ausência e presença da flexão fossem percebidas pelos alunos como realizações naturais que estão presentes em práticas sociais das quais participam. A intenção foi a de aproximá-los cada vez mais da língua em uso a partir de atividades pensadas para suscitar realizações verbais na 1ª pessoa do plural, com ou sem marca de pluralidade, em gêneros discursivos distribuídos no contínuo oralidade-letramento. Apesar desse foco, não ficou de fora da proposta a análise linguística das relações morfossintáticas entre verbo e sujeito e das relações morfológicas presentes nos paradigmas verbais. A segunda

etapa da mediação articula justamente estratégias didáticas para o ensino de fenômenos gramaticais, envolvendo pronomes e flexões.

Como se propõe um ensino- aprendizagem baseado na língua em uso, as atividades devem estar em constante renovação, bem como a escolha dos gêneros discursivos. Não se trata, portanto, de uma mediação fechada em si mesma, mas aberta para atender as necessidades dos alunos. Por levar em conta sua realidade sociocultural e linguística, ressaltamos a importância de termos partido de resultados obtidos por meio de uma pesquisa Sociolinguística para prepararmos a mediação. Além disso, entendemos que o conhecimento tanto dos pressupostos dessa abordagem linguística quanto dos resultados de investigações científicas já publicados sobre fenômenos variáveis do português pode possibilitar ações pedagógicas que impeçam episódios cruéis de preconceito linguístico nas escolas brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Zilda G. de O.; ANDRADE, Maria Lúcia C.V. O.; FÁVERO, Leonor L. **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Editora Cortez, 1999.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos. T.; BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª Ed. Ver. E atual. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRAVIN DOS SANTOS, Angela Marina. Uso do elemento flexional de 3ª pessoa do plural em construções com se nas variedades europeia e santomense do Português. In: **Cuadernos de la ALFAL**, v. 7, p.195 - 209, 2015
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CYRANKA, Lúcia Furtado. de M.. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora (MG)**. 2007. 174f. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, Anthony. J.; GÖRSKI, Edair Maria.; FERNANDES, Eulália. **Change without change. Language Variation and Change**, New York, v.11, n.2, p.197-211, 1999.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. Parábola, São Paulo, 2009.  
WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica WEINREICH; HERZOG; LABOV, 2006 [1968].

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; SILVA, Karine Quadros da. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre**, RS. Porto Alegre, 2000, v. 14, n. 28 e 29, p. 195-219.